

Boiam, Para,
17 de dezembro de 1968

Exmo. Sr.
Presidente,
Conselho Nacional do Índio
Rio de Janeiro, Brasil

Recebi hoje,
o original
[Assinatura]
8/1/69

Excelentíssimo Senhor Presidente:

Vimos por estas a V. E. exprimeir em primeiro lugar a nossa mais profunda gratidão pelo valioso auxílio que prestou aos membros da Missão Cristã Evangélica do Brasil envolvidos na crise nestes últimos dias no Posto Gorotire, Para.

É deveras lamentável que algumas forças além da nossa compreensão puderam perturbar os trabalhos dos nossos missionários para ser necessário agora, pela primeira vez desde 1928 quando foi fundada a Missão no Alto Xingu, a retirada de seus elementos de um dos postos.

A fim de que V. E. possua melhores esclarecimentos sobre a história da MICEB, anexamos um pequeno histórico, comparando a situação da MICEB com a da entidade religiosa que entrou na área depois de instalada a missão protestante.

Outrossim, mediante a ousadia e franqueza que podemos usar para com a V. E. pela confiança que temos, alhamos que seja de proveito ajuntar um depoimento dos membros da MICEB que passaram por essa crise, para que se possa verificar algo que talvez, dada a inconveniência das circunstâncias durante a visita de V. E. no Posto Gorotire, não tenha aparecido até agora.

Portantob

Considerando o fato que a MICEB, pelas evidências do seu histórico, possui consideração como tendo a prioridade e

Considerando, em virtude do investimento da MICEB nos imóveis indispensáveis em Gorotire, pedimos a V. E. se digno garantir a guarda fiel das casas da MICEB ou a devolução das mesmas para o futuro uso da missão; e também

Considerando que, visto que os índios foram meritos.

Página Segunda

por influências externas que se aproveitaram da crise de uma epidemia, a pedir a expulsão dos elementos da MICEB, pedimos a V. E. se digne considerar favoravelmente uma medida no sentido de a Missão Cristã Evangélica do Brasil fazer visitas periódicas, começando no mês de fevereiro de 1969, até que fôr constatada a aceitação dos missionários em caráter permanente pelos índios, como antes, para a continuação do seu serviço de assistência social e religiosa.

Aproveitemos o ensejo para dar os nossos protestos da mais alta estima e consideração cristã a V. E.

Belém, 17 de dezembro de 1968

Rev. W. P. Ignomali, Diretor,
Missão Cristã Evangélica do Brasil

Doc 72

pelos missionários HERMAN TOTZ, EMILIA TOTZ, LOIDE PORTO, DURVAL DE MELO UCHÔA E MIRIAM DA SILVA UCHÔA, e assinado por DURVAL DE MELO UCHÔA:---

Os fatos abaixo relacionados, que expressam a ação do índio caiapó do Posto Gorotire, Pará, em repúdio à atuação voluntária e honesta da Missão Cristã Evangélica do Brasil, não representam idéias originárias ao índio, que traduzam os estímulos de sua consciência, e sim, o transplante de filosofia externa na personalidade deste.

Dia 21 de novembro de 1968: Na manhã o padre Jaime, que desde já anos tem vindo passando férias em Gorotire e há quatro meses em caráter mais permanente, veio à MICEB, a fim de tratar do seguinte:

1. Avisar da resolução que envolvia, Pe. Jaime, Sr. Humberto da FNI e geólogos, que consistia em cuidar dos doentes das famílias de José Caiapó, Kanhök, Pedrão, Tôçoy e Tikô.

2. Pe. Jaime estava de saída à procura de recursos médicos e alimentares aos índios na epidemia de sarampo. Pe. Jaime acrescentou que as despesas seriam feitas por sua conta e posteriormente solicitaria à FNI indenização. Caso a FNI recusasse indenizar as despesas, Pe. Jaime disse que desmoralizaria a FNI pela televisão, posto que isso resultasse em prisão e expulsão de Pe. Jaime do país. Pe. Jaime propôs que a MICEB fornecesse o transporte. Diante da afirmação de Pe. Jaime relativa à FNI, a MICEB, regida pelas leis do país e que atua em perfeita observância das instituições legais, resolveu continuar seu programa de auxílio aos índios doentes na epidemia de sarampo, independente dos planos de Pe. Jaime.

Pe. Jaime então solicitou saída no avião missionário evangélico.

Às 11:30 os missionários HERMAN TOTZ e LOIDE PORTO foram à sede local da FNI tratar com o encarregado em exercício, da saída de Pe. Jaime, no avião da Missão.

Às 15:00 horas chegou o avião evangélico, retornando de outros postos. Os missionários evangélicos e os caciques indígenas falaram com o piloto da saída de Pe. Jaime. O piloto resolveu levar o padre em apoio ao desejo dos caciques que viesse um médico a Gorotire.

Disse o piloto: "Levo o Padre porque Pombo e Kanhök querem um médico em Gorotire." Até então o contacto da MICEB com os índios era normal, aceitando eles o auxílio medicinal voluntário da Missão. Dia 22 de novembro: pela manhã fazíamos os tratamentos médicos e o contacto com os índios continuava normal. Às 14:30 chegou outro avião, trazendo o Pe. Jaime de volta com um médico, o qual planejava ficar um dia em Gorotire, o que ocorreu. O missionário DURVAL UCHOA visitou o médico nas instalações da FNI, tendo em seguida o acompanha- nhado para dar informações nos primeiros contactos com os doentes. O médico não foi apresentado à enfermeira da Missão, EMILIA TOTZ.

Chegaram alguns índios solicitando tratamento na Missão: Nhápôy, Irekrátô (esposa do segundo cacique) e Nhápôy segunda. Não demos tratamento naquele momento; porém os aconselhamos a ir ao médico que estava diagnosticando nas casas. Tínhamos em vista poder servir melhor com diagnóstico do médico.

À noite chegou a índia Ikiêbêê solicitando medicamentos da MICEB. Antes que os missionários evangélicos pudessem orientar a índia, o policial Djôkrô, veio irado, obrigando-a a ir solicitar remédios do médico por meio do Pe. Jaime. A ira do policial marcou o início da tensão indígena relativa à MICEB.

O missionário DURVAL UCHOA, responsável pelas relações públicas locais, recebeu um bilhete do encarregado da FNI, Humberto, com os seguintes dizeres: "Sr. Durval, solicito sua presença para uma reunião com os capitães no barracão às 8:30 (noite)."

Antes de se concretizar esta reunião um índio, Tom, veio avisar o missionário DURVAL UCHOA, que os civilizados e os índios estavam reunidos para lançarem fora os missionários da MICEB. O missionário DURVAL UCHOA compareceu à reunião; o Humberto, encarregado do Posto, foi o moderador da reunião. Sr. Humberto comunicou a Durval três fatores que causavam insatisfação e conseqüente rejeição dos trabalhos e presença da MICEB no posto:

1. Os índios estão afirmando que a MICEB não está tratando certo os doentes, visto já ter ocorrido cinco mortes no sarampo.
2. Os índios não estão satisfeitos em Nhápôy, Irekrátô e Nhápoy Segunda não terem recebido medicação na missão e sim terem sido mandadas ao médico.

3. Não estou satisfeito com o tratamento dado ao filho de Semôro, afirmou Humberto.

Afirmamos que a MICEB presta serviços em base voluntária, inspirada no amor espiritual e humanitário.

Registramos aqui os itens principais da ata da reunião em que a MICEB tomou providências para fazer face à epidemia de sarampo:

"1. Depois de estudar o recebimento de alguns remédios da PNI foi resolvido que sejam anotados para fins de relatórios e agradecimentos futuros. 2. Elaborou-se o plano de ação de cobertura integral à epidemia de sarampo que ficou assim resolvido: trabalho interno de manhã--HERMAN TOTZ e DURVAL UCHOA; serviço individual em semanas alternadas, tardes-- HERMAN TOTZ e DURVAL UCHOA; serviço conjunto. Trabalho externo, tarde: EMILIA TOTZ e MIRIAM UCHOA, com área de ação alternada. 3. Chamadas emergentes à noite: EMILIA TOTZ, MIRIAM UCHOA e LOIDE PORTO; EMILIA TOTZ e MIRIAM UCHOA servirão alternadamente. 4. Reconhecimento de casos graves na aldeia, manhã--LOIDE PORTO."

Outrossim, registramos aqui, um parágrafo de uma carta do missionário DURVAL UCHOA com relação ao sarampo: (parágrafo 4º da carta escrita em 12 de novembro de 1968:

"Estamos vivendo dias difíceis. Uma epidemia de sarampo se alastrou por toda aldeia. Muitas crianças e alguns adultos têm estado há um passo da morte. Uma criança já morreu. Os índios são possuindo organismo muito sensível às doenças. São mais facilmente colhidos por estas, pois que não são habituados às doenças da civilização e conseqüentemente se tornam presa fácil. Tomos corrido dia e noite, fazendo ronda e atendendo chamados de todos os lados. De vez em quando somos surpreendidos por um choro de desespero. O sarampo já atingiu mais de 50. Cremos estarmos já na metade da epidemia. Orem por nós e pelos índios. Minha esposa ontem caiu de exaustão. Hoje já pode se levantar um pouco. Graças a Deus, está suprindo os remédios. Uma parte é comprado e a outra é doação de amostras."

Dia 23 de novembro: Pela manhã, polícia rondando as nossas proximidades e montando guarda em nossas portas, afim de impedir os índios que quisessem entrar na Missão. Era os policiais, André, Ngremaê e Tikô. Abrimos as entradas da Missão à 7:30, como de costume. Chegaram os índios Bebô, Beptok, Tom Pakuyt e Nhapoy. Veio porém o policial Pakre com ordens de que se retirassem.

12 horas -- o Missionário DURVAL UCHOA foi a sede da FNI solicitar garantia dos nossos direitos constitucionais de terra livre, no que se refer à segurança pessoal, visto nenhum crime termos cometido, que justificasse esse estado de coisas.

13:30 chegou um agião com pessoal da FNI de Brasília. Fomos encontrá-los no campo. Inicialmente solicitaram nosso auxílio no cumprimento da finalidade que os fez deixar Brasília, medicar os índios com sarampo. Rejeitaram logo em seguida, visto os índios recusarem nossa colaboração. Entretanto, nos orientaram no sentido de que aguardássemos sermos solicitados. Outrossim, fomos mandados nos afastar.

18:00. O missionário DURVAL UCHOA, por apóio do Dr. Edson da FNI acompanhou a equipe da FNI com que colaborou até 22:15, como informante e relacionador dos doentes medicados. O pessoal da FNI prometeu uma mesa redonda, afim de tratar do caso da MICEB, o que não chegou a ocorrer, visto o muito trabalho com os doentes. O caso ficou aguardando o próximo dia.

Dia 24 de novembro: Às 8.30 DURVAL UCHOA entregou à médica a relação dos índios medicados no dia anterior, em tendo a médica solicitado. Tendo passado poucos minutos, os missionários, DURVAL UCHOA e HERMAN TOTZ, se apresentaram na sede da FNI para se informarem da mesa redonda. Passaram uma hora lá, receberam a comunicação de que a mesa redonda seria mais tarde. Hermano Totz voltou para a missão enquanto Durval permaneceu por mais algum tempo para receber informações e mostrar boa vontade.

Enquanto Durval ainda permanecia na sede da FNI, Pe. Jaime solicitou um pouco de álcool em um litro, visto não haver mais para medicação. O missionário imediatamente escreveu um bilhete à enfermeira para enviar o álcool por intermédio de um índio, o que foi logo cumprido.

A noite de mesmo dia houve culto regular, porém muito perturbado com a interferência da polícia, dando ordens aos assistentes que se retirassem. Os índios foram puxados pelos braços e ameaçados pela polícia indígena; dois rapazes receberam socos depois de terem resistido pacificamente aos policiais. O missionário que dirigia o culto continuou seu trabalho sem se deixar interromper pela confusão. Os índios evangélicos cantavam com o missionário, enquanto eram ocagidos pela polícia. Não houve protesto da parte dos missionários aos policiais, pelo contrário, aproveitaram a circunstância para falar-lhes de Deus, contra quem os policiais estavam lutando. Os policiais que tomaram parte na agitação foram Ute, Pakra, Djokro, Tepnomate e Piko.

À entrada da casa do missionário HERMAN TOPZ, o policial Motu montava guarda. O índio Bakako solicitara auxílio da enfermeira da Missão, ao seu filhinho que estava no momento às portas da morte. A enfermeira foi à sede da FNI falar com a Dra. Voltou com instruções de medicar a criança e pretendeu gir à casa do pai da criança. Porém, foi proibida pelo policial Motu que com toda força segurou a porta que dá entrada à Missão.

Depois do culto, chegou Bakako com a criança semi-morta, tendo conseguido entrar depois de muito lutar com o policial. Que fazer? Mandamos o missionário HERMAN TOPZ falar com a médica. Esta afirmou nada mais poder fazer pela criança. Ela autorizou que a criança fosse reidratada. Já havia passado nove horas desde que a doutora havia desenganado a criança. A enfermeira da NICEB reidratou a criança. Além disso deu contra pneumonia vitamina B12 injetável, lavagem, estreptomicina, organotox e rehitrat.

Dia 25 de novembro: Não tendo havido a mesa redonda dois funcionários da FNI, Olímpio e Dr. Edson pertencentes à equipe com o encarregado Humberto e a Dra. vieram à NICEB ouvir o nosso lado. Mas antes de ouvirem o lado da Missão, o Sr. Olímpio já havia prometido aos índios que a NICEB seria afastada. Não mostraram boa vontade para nos ouvir, procurando sempre interromper quando tomávamos a palavra, porque já haviam de antemão decidido nos pôr fora. Sr. Olímpio afirmou não termos cooperado com eles

no tratamento dos índios. Todavia não teve resposta quando afirmamos que tínhamos ficado aguardando solicitação deles, por sugestão do próprio Sr. Olímpio, no dia 23 às 14:30 horas. Sr. Olímpio censurou Durval Uchoa por haver este ficado de vez enquanto em contacto com eles.

O missionário Durval Uchoa solicitou ao encarregado Humberto transmitir um telegrama à MICEB em Belém no sentido de esta tomar conhecimento da situação jurídica em que estava envolvida. Entretanto, foi recusado. Os missionários Durval Uchoa e Herman Fetz fizeram uma visita ao cacique Fombo, recebendo deste que os índios não queriam mais os missionários evangélicos. Queriam uma só "palavra," não queriam missionários protestantes.

Às 12:30 chegou um avião da FAB de Belém. Os pilotos que já conheciam os missionários, espontaneamente vieram para a casa da Missão, enquanto aguardavam o Inspetor da IR II da FNI. Ocurram nesse caso. Durval Uchoa encontrou o Inspetor da IR II no campo. Depois de o Inspetor ter chegado à Missão, disse a Durval: "Seu telegrama não é necessário, visto aguardar solução do Presidente."

As entradas da Missão ainda continuavam guardadas pela polícia, posto que, desde o princípio o encarregado prometera isto ser mudado. Um dos policiais disse que estava fazendo o que era contra a sua consciência, porém, havia sido mandado. Era Pakre.

Na FAB chegou novo encarregado para Gorotire, Sr. Osmundo.

Os índios continuavam nos solicitando remédios. Ningrere, vendo sua filhinha se aproximar da morte, foi suplicar primeiramente aos dois caciques e posteriormente ao pessoal da FNI que permitissem que ele trouxesse sua filha à enfermeira da Missão, visto a médica jamais estar no local. Foi negado, porém, embora que anteriormente a médica havia-nos instruído, no caso de um doente vir solicitar remédio, que fosse atendido, sendo que primeiramente fosse suspensa a medicação anterior. Esta recomendação foi resposta à pergunta nossa nesse sentido. Igualmente, havíamos informado aos índios e ao pessoal civilizado, estarmos prontos a ajudá-los em qualquer momento, mas fomos impedidos.

Dia 26 de novembro: às 16:50 fomos chamados à sede da FNI pelo encarregado. Mostaram-nos o aviso do Secretário Executivo da FNI que nos ordenava sair imediatamente do posto. Os missionários HERMAN TOIZ e DURVAL UCHOA pediram cópia do telegrama afin de poderem avisar a Missão em Belém, visto não terem poderes executivos. Porém, foi-no-la negada.

Essa notícia causou grande choque nas consciências dos índios. O próprio cacique principal, Pombo, que estava recusando a presença dos missionários, em discurso dirigido ao seu povo, acusava-os de terem falado mal dos missionários. O índio Séptok informou-nos na reunião dos homens em sua casa cultural que eles se acusavam mutuamente de terem tomado parte no plano de pôr fora os missionários evangélicos. Muitos dos que nos visitaram, homens e mulheres, não podiam esconder a tristeza e lágrimas que os superavam, ao verem que estávamos preparando nossa bagagem para deixarmos nesse local de trabalho.

Logo após termos recebido a ordem de retirada, chamamos o encarregado para nossa casa em particular para mais informações, mas ele se fez acompanhar do Pe. Jaime e de um geólogo.

Dia 27 de novembro: O encarregado chamou ao missionário Durval Uchoa, tendo na ocasião o avisado de que os índios estavam ameaçando o padre e o pessoal da FNI no posto, por causa dos doentes e proibindo qualquer contacto com os missionários. Outrossim, o ex-encarregado Humberto, afirmou serem os missionários evangélicos os únicos responsáveis de algo de mal que viesse acontecer ao pessoal da FNI e ao padre.

Dia 28 de novembro: Às 11 horas Durval Uchoa fez contact com o encarregado, que prometeu entrevistá-lo às 14:00 junto com os missionários a pedido destes, tendo-se recusado depois da hora por temor aos seus colegas. Durval Uchoa preparou um telegrama para a MICEB em Belém, sendo mais uma vez rejeitada a comunicação entre os missionários e seus superiores na cidade.

Às 17 horas recebemos o telegrama da Nossa Missão avisando fazer levantamento dos haveres da MICEB em Gorotire e aguardar instruções do Secretário Executivo da MICEB, que estava de viagem para Maranhão.

Dia 29 de novembro: pouco mais calmo.

Dia 30 de novembro: chegou um avião com uma equipe médica con-
seguida pela FNI em Brasília e que vinha encabeçada pelo Sr.
Olimpio. Os missionários Durval Uchca e Herman Lotz os encontraram
no campo.

Dia 1 de dezembro: Às 8 horas o encarregado falou ^{tomando} /aprestado
o nosso salão de cultos por 24 horas, afim de que os médicos,
tivessem lugar mais amplo para trabalho. Respondemos na afirmativa,
cooperando com luz elétrica durante as duas primeiras noites comple-
tas até 1 hora da manhã da terceira noite. Depois de haverem
passado tres dias que os médicos haviam se retirado pedimos o
salão de volta. Mas foi nos negado, pelo encarregado. Ainda
assinamos cinco séros que tínhamos na Missão.

Dia 2 de dezembro: Convidamos a equipe para almoço, o que foi
aceito.

Dia 11 de dezembro: culminando os dias da crise, o encarregado
negou-se a assinar quaisquer documentos de levantamento dos
imóveis da MICEB, afirmando que tudo ficaria sem indenização
como propriedade que passaria a ser do posto, bem como exigiu
as chaves das casas da Missão, afirmando que as mesmas passariam a
ser usadas. Em caso contrário, acrescentou o enca rregado, os
índios arrombarão as casas. Em face disso, os missionários
entregaram ao encarraegado, Sr. Osmundo, as chaves das instalações
da Missão Cristã Evangélica do Brasil, no dia acima escrito,
às 17.00 horas.

Assinado, pelos supra-referidos missionários que ajudaram
na elaboração deste depoimento, Belém, Pará, 13 de dezembro de 1968.

Durval de Melo Uchca
Durval de Melo Uchca

Visto W. J. Laskowski
(Rev.) W. J. Laskowski, Diretor,
Missão Cristã Evangélica do Brasil,
Av. Independencia, 231, Belém, Pará